

POR AILIM CABRAL

A palavra isolamento se tornou uma constante nos nossos dias durante a pandemia. O conceito, porém, vai contra as bases em que construímos a nossa sociedade. Os seres humanos, desde o início do processo evolutivo, vivem em grupos. E, entre esses vínculos sociais, um dos mais fortes é entre uma mãe e seus filhos.

O instinto protetor é um dos primeiros sentimentos despertados em uma mãe, e a necessidade de cuidar e garantir o bem-estar do bebê se torna a prioridade máxima desde os primeiros dias. Quando o filho cresce e sai de casa, inúmeras mães experimentam a síndrome do ninho vazio e muitos dos filhos sofrem para começar a viver sem o suporte materno, que os acompanha desde o início.

Durante a pandemia, a necessidade de proteger e de estar junto atingiu em cheio não só algumas mães, mas também os filhos e netos. E muitas famílias que moravam separadas há anos resolveram voltar a dividir o mesmo teto.

O fotógrafo Thiago Rodrigues de Souza Vargas, 37 anos, por exemplo, vive na Alemanha desde 2007 e passou toda a pandemia com a mãe e a avó. Pouco antes de as medidas de isolamento começarem, Thiago estava visitando a família e optou por continuar no país.

Os meses foram passando e, quando se deu conta, Thiago já estava no Brasil havia mais de um ano. O marido, alemão, continua na Europa, aguardando o retorno do amado, mas o fotógrafo ressalta que ainda não tem data para voltar. "Estou morrendo de saudades dele, claro. Mas o fato de ser trabalhador autônomo também facilita que eu fique aqui um pouco mais. E eu não via minha família desde 2015, então, estou pensando."

O privilégio de poder cuidar



Filhos e mães que voltaram a viver juntos durante o isolamento contam suas experiências e falam sobre os benefícios e as dificuldades da relação